

A Cultura Bóia-Fria no Paraná

João Carlos Canuto *

Este artigo se constitui de notas preliminares sobre Comunicação e Desenvolvimento no âmbito restrito de uma comunidade de trabalhadores Bóias-Frias (Vila São Pedro — Bandeirantes-PR), indicando alguns reflexos da Comunicação na consciência destes volantes, considerando o confronto da sua situação material real e sugerindo algumas idéias para o trabalho dos 'agentes de mudança social'. Trata-se de reflexões feitas sobre observações (i) sistemáticas, referentes à pesquisa "Perfil Sócio-econômico do trabalhador volante no município de Bandeirantes-PR" e à pesquisa sobre "Condições de alimentação, saúde e alfabetização das famílias Bóias-Frias/Bandeirantes-PR", e (ii) assistemáticas, fruto do convívio informal com os moradores da Vila São Pedro e Vila Maria, no mesmo município.

DESENVOLVIMENTO, DESENVOLVIMENTOS

De um modo grosseiro, desenvolvimento pode ser entendido como (i) crescimento econômico, acumulação capitalista e (ii) crescimento distribuído equitativamente na sociedade, ou desenvolvimento social propriamente dito. É claro que a própria construção desses conceitos reflete a posição social de quem o constrói.

Desenvolvimento via de regra é um conceito elaborado 'de fora' do próprio grupo 'objeto' do desenvolvimento. A classe trabalhadora ou ignora ou reproduz parcialmente a idéia de desenvolvimento da classe dominante.

Se existem pelo menos dois conceitos de desenvolvimento, trata-se então de saber a que desenvolvimento se está optando: desenvolvimento do capital ou desenvolvimento dos indivíduos, possibilitando que se tornem os agentes e não 'objetos' do planejamento dos outros.

Extrapolando um pouco, trata-se aqui do tema 'Comunicação e Desenvolvimento' e não de 'Comunicação ou Desenvolvimento'.

* Engenheiro Agrônomo e Mestrando em Extensão Rural da Universidade Federal de Santa Maria-RS.

TRANSFORMAÇÕES RECENTES NA AGRICULTURA

O Bóia-Fria é o trabalhador volante residente na cidade e com atividades agrícolas. É produto das transformações nas relações de trabalho na agricultura brasileira sob o signo do avanço do modelo denominado 'complexo agroindustrial'.

O complexo agroindustrial combina as atividades de produção agrícola com o processamento industrial, sendo que o pólo dinâmico que move o processo é a indústria. Assim sendo, a indústria sujeita a agricultura e produz nesta transformações das mais diversas: a intensificação do uso de máquinas e produtos químicos (a isto se denominou 'modernização agrícola' — e nesse contexto cabe ver o papel dos serviços de Extensão Rural); mas ao mesmo tempo mantêm-se e até se aprofundam os desequilíbrios em termos da propriedade da terra e dos demais meios produtivos (a isto se pode denominar 'modernização conservadora', a qual atende a alguns mas exclui grandes parcelas de trabalhadores, por conservar a estrutura de classes no agro).

A 'modernização conservadora' instaura assim novas relações de trabalho, apropriadas ao modelo do complexo agroindustrial emergente: desaparece, por exemplo, a figura do colono, e surge a do Bóia-Fria.

I. Bóia-Fria: estrutura material

Esse Bóia-Fria se caracteriza, principalmente, por uma renda baixa, irregularmente distribuída ao longo do ano. Nos 'picos' de trabalho pode dar a impressão de auferir uma boa renda, acima do salário mínimo, porém esta é diluída nos meses sem ou com rendas baixas, e é diluída também pelo grande número de filhos na família.

Muitas vezes os Bóias-Frias constituem família sem o casamento e sem a estrutura familiar 'oficial', agrupando-se algumas vezes em verdadeiros 'guetos'.

São providos de poucos documentos e em muitas ocasiões têm dificuldades ao enfrentar os órgãos de assistência ou o comércio. São contratados pelo 'gato' (arrebataador e fiscalizador do trabalhador volante) sem carteira de trabalho assinada.

As habitações são precárias, têm baixo nível de escolaridade e preparo para outros trabalhos, alimentam-se muito mal e têm problemas graves de saúde.¹

De um modo geral, as condições materiais de vida dos Bóias-Frias são bastante precárias, muito longe de um efetivo desenvolvimento social.

Rigorosamente, o Bóia-Fria não pode ser considerado um consumidor. Há uma ilusão, ao se tomar itens (das compras) considerados 'nobres', próprios das classes mais altas, como padrão de avaliação; acontece, porém, que o Bóia-Fria, além de subconsumidor, é, condicionado pelos meios (a televisão, o futebol, o dinheiro, a patroa, o carro, o supermercado etc.) um subconsumidor que 'prefere' incluir os referidos itens.

Se este subconsumo está condicionado por uma 'subrenda', cabe mencionar que o salário do trabalhador obedece a determinações históricas. Em tese, o salário deve permitir a reprodução do trabalhador e sua família. Mas o padrão, do lado do capital, deve ser

o mínimo possível. E nesse 'possível' entra a determinação histórica: vai depender da correlação das forças sociais em jogo. É claro que o 'capital em geral' (relação social) tenderá a disciplinar as relações capital/trabalho, de modo que não ocorram riscos grandes de o salário ser menor (naquele lugar e tempo) do que os necessários à reprodução. Se bem que os 'capitais particulares' às vezes promovem uma espoliação que põe em risco a reprodução, o capital como relação social e a 'paz social'.

Em Bandeirantes há um equilíbrio precário entre capital e trabalho, só não rompido pela baixa organização dos trabalhadores.

Mas já se insinua alguma preocupação do Estado em termos de prover o Bóia-Fria de condições um pouco menos desastrosas para a ordem. Deve-se ainda lembrar que um governo com alguma tendência socializante no comando do Estado, tem-se, aqui e acolá, desejos pontuais de mudança. Ou, quem sabe, a ação do Estado se dirige a colocar panos quentes sobre um movimento social ainda não maduro. Aliás, de fato há indícios claros de mobilizações, até agora basicamente reivindicando salários. A ação contraditória dos *massa média*-SP pode entrar aí como coadjuvante, cobrindo fatos como os de Lemé e outros tantos.

De qualquer modo, a instalação de um projeto de habitações populares em regime de mutirão na Vila São Pedro, principal pólo em concentração de Bóias-Frias, pode explicar parcialmente a tendência hoje da ação estatal.²

II. Comunicação

A 'cultura bóia-fria' se funda numa miscigenação, em porções variáveis, da cultura camponesa com a urbana. Ao tempo em que carregam valores ditos 'tradicionais', estão expostos a valores da 'modernidade' (a escola, os *mass média*, o supermercado, a produtividade do trabalho, a monetarização, a economia de mercado).

Algumas referências sobre esse quadro cultural na realidade do Bóia-Fria são colocadas aqui apenas em termos de (i) exposição aos diferentes meios de comunicação e (ii) formas de lazer dos trabalhadores:

(i) Em uma amostra restrita de 30 famílias de Bóias-Frias se pode constatar que os meios eletrônicos hegemônicos ocupam grande espaço: 80% das famílias ouvem rádio (a local e FMs regionais), 63% vêem televisão e é insignificante a leitura de jornais (3%) e inexistente a de revistas de informação (supõe-se que seja significativa a de revistas de novelas e modas); há ainda 10% das famílias que não tem acesso a nenhum desses meios (a penetração plena está limitada pela renda).

(ii) Além do televisor e do rádio, há formas de lazer menos hegemônicas, mais populares e mais comunitárias: festas, quermesses, visitas a parentes, futebol amador, entre outras citadas. Essas formas de lazer têm grande significação (também para o capital), considerando-se que o trabalho fatigante ocupa quase todo o seu tempo. É interessante observar a importância das igrejas no contexto cultural do lazer: a maior parte das festas e quermesses tem vinculação com elas; além disso, verifica-se que os Bóias-Frias muitas vezes consideram lazer a própria participação nas celebrações religiosas (em certos casos esta é a principal ou única forma de lazer).

Mesmo considerando a limitação desta abordagem, pode-se afirmar que o Bóia-Fria está submetido a formas contraditórias de exposição aos diversos meios — hegemônicos e não-hegemônicos. Isso, conjuntamente, resulta em uma consciência altamente ambígua e contraditória.³

III. Consciência

Considerando, numa perspectiva algo próxima à de McLuhan, os meios de comunicação como sendo todas as entidades que atingem os sentidos (tudo carrega mensagem), o Bóia-Fria está exposto a quase todos os meios a que está exposta a classe alta (a escola, a televisão, a rua, a indústria, o rádio FM, o trânsito, a propaganda, o Estado com suas leis). Somados a esses, têm contato com os meios 'próprios da sua classe': a favela, o trabalho e seus instrumentos, os jogos, o caminhão de turma, o 'gato', as festas de igreja (há uma distinção perceptível entre 'igrejas dos pobres' e as igrejas 'dos outros' (demais, ou mais ricos).

O Bóia-Fria normalmente percebe e tem consciência da sua precária condição de vida, de (parcialmente) eliminado como consumidor. Esta consciência é, no entanto, altamente ambígua e contraditória, constituída de compreensão parcial, incompreensão, perplexidade, alienação, afirmação e negação do mundo real da sua existência:

(i) percebe como parcialmente possível 'melhorar de vida' e reforça isso valorizando os 'meios' da classe dominante, o trabalho, a instrução e a família;

(ii) mas esses mesmos meios podem também ser percebidos apenas como 'reais para os outros' (os consumidores de fato), mas não realizáveis para si próprio;

(iii) outro fenômeno é simplesmente a não-percepção: o bombardeio de informações de tais meios, confrontado com a precaríssima realidade do cotidiano, se torna irrealidade, no máximo um contínuo sonambulismo. A televisão, por exemplo, não provoca, nesse caso, nem alienação pura (quanto menos revelação) — causa, no máximo, incompreensão, perplexidade e algum riso — mas alienação do não-saber-quase-que-total.

Esses fenômenos ocorrem juntos ou não.

As referidas formas de percepção ocorrem dentro de um mesmo complexo. Ora afirmam, ora negam o sistema vigente. Via de regra, afirmam no plano do real, por não vislumbrarem formas de combatê-lo, e negam no plano do imaginário, já que percebem as injustiças a que estão sujeitos. E esta negação do sonho é o caminho para a negação do real.

IV. Saídas (?)

A partir daí, é necessário que os agentes do desenvolvimento se posicionem de um modo menos purista — tomem como ponto de partida a cultura popular interpenetrada da cultura hegemônica. Muitas vezes os agentes percebem os problemas dos trabalhadores e traçam linhas de ação que não funcionam na prática, visto que estes não percebem os problemas da mesma maneira. As ações 'que deveriam ser implementadas' segundo os agentes não são as mesmas que os Bóias-Frias levantam (estas estariam contaminadas da ideo-

logia burguesa). Uma estratégia de participação social e de elevação de consciência ficaria impraticável, segundo certos agentes.

Mas uma estratégia de participação política pode muito bem iniciar pela mobilização das pessoas a partir de assistência nos moldes dominantes (corte e costura, prevenção de acidentes, assistência técnica agrícola, higiene etc.) para, num movimento pedagógico, aproximar-se da tomada de consciência das suas demandas mais fundamentais.

Esse processo envolve um certo personalismo e simpatia, normalmente tidos como prática populista, mas sem as quais a mobilização é mínima e a possibilidade de avanços, menor ainda.

O projeto de habitação popular (Mutirão), embora com objetivos políticos (ano eleitoral, amenizar a 'feição' da favela etc.) e econômicos (prover a reprodução da família trabalhadora) se insere numa perspectiva de mobilização não sem contradições e produtos não desejados pelo Estado. Uma observação feita é a de que os Bóias-Frias, no mutirão, aprendem a força de trabalho comunitário e podem começar a perceber sua potencialidade em conseguir coisas para si, potencialidade que muito bem pode extrapolar o mutirão da habitação para outras áreas de reivindicações: salários, acesso à terra, acesso ao consumo... desenvolvimento.

NOTAS

1. Na pesquisa "Condições de alimentação, saúde e alfabetização nas famílias Bóias-Frias/Bandeirantes-PR", somente em 30 famílias constataram-se 13 doenças diferentes, a saber: problemas de pressão, reumatismo, paralisia, doenças do coração, deficiência física, bronquite, 'amarelão', enxaqueca, doenças da coluna, doenças dos canais urinários, sinusite, doença de Chagas e diabete.

2. O ano eleitoral parece ter sido o fato desencadeador do projeto, com o que ganha o poder local instituído.

3. Ver, nessa linha, CHAUI, Marilena de S., *Resistência e Conformismo*, Brasiliense, 1985.